

# Bolsas serviram de termômetro

São Paulo — Armando Favaro

ANTONIO XIMENES E SÔNIA ARARIPE

O comportamento das bolsas de valores e do resto do mercado de capitais foi ontem o principal termômetro da avaliação dos operadores financeiros sobre o pacote fiscal anunciado pela equipe econômica. Os pregões do Rio e de São Paulo abriram com ligeira queda ao meio-dia, logo após o anúncio das medidas, mas depois foram melhorando. Acabaram fechando em alta de 1,9% (Rio) e 1,96% (São Paulo). Considerando-se a data inicial de 22 de outubro, no entanto — quando o furacão financeiro iniciado na Ásia começou a varrer outras economias, inclusive a brasileira —, a queda acumulada do índice Bovespa (que reúne as 50 ações mais negociadas do mercado) chegou a 30,48%. Foi enorme. Mas olhando um pouco mais para trás, ao início deste ano, foi de 28,75%.

Os volumes financeiros dos pregões de ontem foram bem menores do que os normais — a metade de um dia normal —, totalizando R\$ 544 bilhões na Bovespa. Destaque mesmo mereceram as ações de empresas estatais, como Telebrás, Eletrobrás e Petrobrás. Com a expectativa de aumentos nas tarifas, estes papéis subiram ontem cerca de 4%. “Deveremos voltar a ter as estatais, que vivem de tarifas, em alta. O impacto para outras empresas terá que ser analisado caso a caso. O comércio deverá sofrer mais. Teremos um Natal bem pobre, de presentes bem baratinhos”, prevê Paulo Frasão, gerente do departamento técnico do Banco Primus.

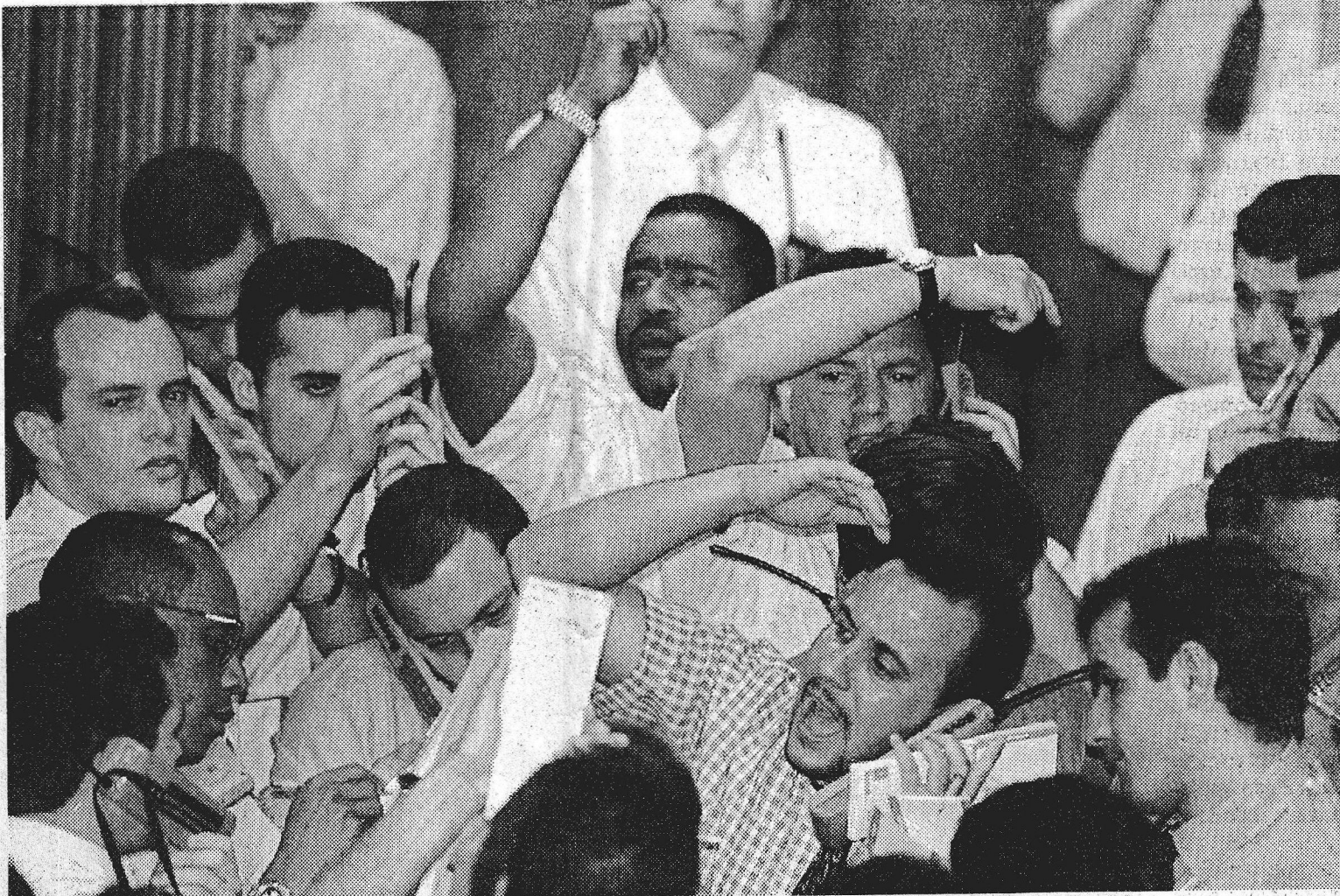
**Dólar** — A procura pelo dólar foi fraca, enquanto os juros continuaram altos, projetando um rendimento — para este mês e os dois próximos — em torno de 3,2%, que, anualizados, dão a altíssima taxa de 44%. Ao contrário de dias mais agitados da tormenta financeira, há duas semanas, o Banco Central agiu com bastante tranquilidade, sem a necessidade de leilões gigantescos de títulos ou de dólares, para tentar acalmar o mercado. E um bom sinal veio do exterior: os títulos brasileiros da dívida externa, os C-Bonds, chegaram a ser negociados com alta de 5%, mas recuaram no fechamento, registrando uma alta de 1%.

“A maioria dos estrangeiros gostou. Eles estão examinando a crise de forma global e acham que estamos fazendo o dever de casa. Mas teremos que ver os reflexos daqui para a frente”, explica o economista Ronaldo Nogueira, diretor do Fundo Brasil, formado por ações de empresas brasileiras e cotado na Bolsa de Valores de Nova Iorque. Os operadores do mercado lembravam, porém, que haverá uma grande rolagem de papéis brasileiros de empresas e bancos no exterior até o fim do ano. Algo em torno de R\$ 400 milhões. “O risco Brasil mudou e algumas empresas poderão ter que pagar mais ou até nem conseguir rolar parte de suas dívidas. Mas não existe nenhuma catástrofe à vista”, garante Rogério Furtado, diretor do Banco da Bahia.

**Medidas** — O comportamento das bolsas de Nova Iorque, Tóquio, Seul e Hong Kong, ontem, foi acompanhado de perto pelos analistas brasileiros, mas a queda de todos estes pregões não chegou a atingir diretamente os negócios por aqui. As atenções estiveram mesmo voltadas para a tentativa de digerir as quase 50 medidas apresentadas pela equipe econômica. “O mercado ainda está analisando o pacote. São medidas duras, vão atingir o ritmo de crescimento da economia, mas precisavam ser tomadas”, concluiu Concetto Mazzarella, presidente da Associação Nacional das Instituições do Mercado Aberto (Andima).

Foi um dia que oscilou entre o otimismo e o medo de que as medidas do governo não fossem suficientes para reverter a crise internacional nas bolsas. Logo no início das operações da bolsa paulista, o Ibovespa alcançou uma alta de 3,15% e melhorou ainda mais às 12h30, com a Bolsa de Nova Iorque abrindo em alta de 40 pontos. No decorrer da tarde, com a mudança do quadro nos Estados Unidos, o pregão paulista começou a declinar e só não registrou variação negativa, porque os agentes do governo — fundos de pensão estatais e a BNDESPar (braço do BNDES que tem participações em empresas) — não deixaram de comprar as ações das *blue chips*, as mais importantes do mercado.

**“Tranquilos”** — No fechamento do pregão paulista, as ações preferenciais (sem direito a voto) de Telebrás, Petrobrás, Eletrobrás e Vale do Rio Doce, mostravam altas de 2,7%, 4,0%, 4,1% e 0,4%, respectivamente. O presidente da Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F), Manoel Felix Cintra Neto, também presidente do Banco Multiplic, disse que as medidas do governo foram muito bem aceitas pelo mercado financeiro. “A crise internacional nas bolsas não foi totalmente debelada. Mas nós estamos mais tranquilos no Brasil, porque o governo mostrou que é capaz de tomar medidas antipolares para salvar a moeda e conter os déficits da balança comercial e em conta corrente”, ressaltou. Para Ricardo Cristiani, coordenador da mesa de operações com as bolsas da corretora do Citibank, o pacote ajudou as bolsas a manterem um maior equilíbrio após as quedas de sexta-feira. “Aumentar impostos e combustíveis, elevar os juros e fazer cortes de pessoal são medidas difíceis num ano pré-eleitoral, mas mostram que o governo está disposto a defender a moeda.”



*Sem a histeria dos últimos dias, a Bovespa fechou em alta. Mas apenas por que fundos de pensão compraram ações das blue chips*